

DESIGN DE FUTUROS: especulações sobre Brasis possíveis a partir de uma abordagem contracolonial.

FUTURE DESIGN: Speculations on Possible Brazils from a Decolonial Approach

PEÑA, Lorena; graduanda; Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ESDI/UERJ)

lorenap.pena@gmail.com

ANASTASSAKIS, Zoy; Doutora em antropologia; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UFRJ)

zoy@esdi.uerj.br

Resumo

Como imaginar, amanhã, um território tão conturbado quanto o Brasil, desde seu batismo colonial? Este artigo propõe usar o design de futuros para especular sobre Brasis possíveis, abraçando pluralidades de forma não hegemônica e contracolonial. Analisamos duas produções recentes que utilizam abordagens ficcionais para imaginar Brasis possíveis: a dissertação de mestrado de Ísis Daou, que examina mais de 338 imagens subversivas da bandeira do Brasil (2013-2023), e o livro "Sai-Fai: Ficção Científica à Brasileira" do Museu do Amanhã, com 19 contos ficcionais de escritores de diferentes estados. Em um cenário pós-pandêmico, onde a tecnologia avança rapidamente, criatividade e imaginação emergem como potentes ferramentas de design de futuros. Como podemos usar nossa capacidade imaginativa para criar novos desenhos para o Brasil? Este desafio é visionário e prático, buscando transformar o presente e construir futuros inclusivos e sustentáveis para todos os brasileiros.

Palavras Chave: Design de Futuros, Brasil, fabulação especulativa, projeto.

Abstract

How can we imagine, tomorrow, a territory as troubled as Brazil, since its colonial inception? This article proposes using future design to speculate on possible Brazils, embracing pluralities in a non-hegemonic and anti-colonial way. We analyze two recent works that employ fictional approaches to imagine possible Brazils: Ísis Daou's master's thesis, which examines over 338 subversive images of the Brazilian flag (2013-2023), and the book "Sai-Fai: Brazilian Science Fiction" from the Museum of Tomorrow, featuring 19 fictional stories by writers from different states. In a post-pandemic scenario where technology advances rapidly, creativity and imagination

emerge as powerful tools for future design. How can we use our imaginative capacity to create new visions for Brazil? This challenge is both visionary and practical, aiming to transform the present and build inclusive and sustainable futures for all Brazilians.

Keywords: Design of Futures, Brazil, speculative fabulation, project.

1. Introdução

1.1 Apresentação

A partir de uma análise da complexidade territorial, sociocultural e estrutural, o artigo busca avaliar quais são os pontos de conflito da sociedade brasileira, quem são aqueles que se beneficiam de estruturas historicamente colonizadoras, e quem são aqueles que resistem a esse sistema, a fim de entender como podemos especular sobre outros futuros possíveis para o país. A ideia de projetar futuros, amplamente teorizada e praticada no campo do design, se torna essencial, também, para o debate antropológico. A partir da consideração das práticas e dos atores que construíram o que vivenciamos no tempo presente, e do escrutínio sobre o que, nele, se constitui como pontos altos, baixos, e o que queremos manter ou transformar para o futuro.

O estudo de futuros se constitui, assim, no plural, justamente pela ideia de que projetar apenas um futuro não é coerente, primeiramente pelo número de possibilidades que existem, e, em segundo lugar, pelo número de diferentes pessoas que existem e que estão, ou deveriam estar, envolvidas nesse futuro. O futuro desejado de uma jovem moradora de comunidade no Rio de Janeiro não é exatamente o mesmo futuro que o de uma empresária de São Paulo, ou de um agricultor de soja do Mato Grosso, assim como não é o mesmo futuro que um líder quilombola, que pensa a partir do Piauí, ou de pessoas de uma etnia indígena que pensam do Alto Xingu. Ao atentarmos para essas diferentes perspectivas, considerando as convergências e divergências entre essas tantas realidades, cultivamos possíveis desenhos de futuro, mais abertos e abrangentes. Aqui, nos aproximamos de dois trabalhos que mobilizam abordagens , ficcionais e fabulatórias como meios imaginativos e criativos para conjurar outros futuros, mais desejáveis, para o Brasil.

1.2 Justificativa

O artigo justifica sua relevância ao tratar de temas essenciais, como gestão de conflitos sociais brasileiros, os quais estão cada vez mais graves, tais como genocídios de populações periféricas e indígenas, buscando convocar encaminhamentos resolutivos para essas questões, a partir também do referencial ideológico e teórico de Nego Bispo, apresentado em seus livros; *O Quilombismo: Os Contextos*¹⁷ e *a Luta dos Povos e Território Quilombola: Resistência e Identidade*

¹⁸. O artigo também se mostra relevante ao tratar do letramento de futuro como um dos seus pontos principais; Em um país pós-pandêmico, a ansiedade em relação ao futuro tem ganhado cada vez mais relevância, quando o presente se adensa (Haraway, 2023 ¹⁹) e um futuro se apresenta como cada vez mais incerto. Imaginar outros futuros possíveis não é apenas relevante para garantir que todos acessem futuros desejáveis, mas, também, para garantir que esses futuros se tornem acessíveis para todos, sendo o letramento em futuros defendido por organizações como a UNESCO, bem como por pesquisadores como o ecólogo Fábio Scarano, ganhador do prêmio Jabuti em 2014, e orientador da primeira Cátedra no Brasil destinada a estudar futuros, como aptidão essencial para todos no século XXI.

1.3 Objetivos

Pode-se elencar em três pontos os seguintes objetivos centrais do artigo:

- Observar o cenário Brasileiro, seus principais conflitos e como encaminhá-los de modos alternativos.
- Produzir uma primeira aproximação de metodologias como design de futuros e entender como mobilizá-la para repensar o futuro no país.
- Compreender quais novas ferramentas podem ser acopladas a essas abordagens, como a capacidade imaginativa, a ficção, a fabulação especulativa e a arte.

2. Desenvolvimento

2.1 Por que imaginar diferentes Brasis

Mata atlântica, caatinga, cerrado, pampa, pantanal - meio urbano, favelas, quilombos: espaços repletos de uma grande variedade de plantas e animais, assim como os diferentes grupos sociais, que neles habitam. Pindorama, Terra de Santa Cruz, Brasil, país de formação complexa, e documentação histórica enviesada, lugar de mistura e encontro das águas de mil rios, o cenário brasileiro é composto nessa balança, entre um pouco de tudo; os que já estavam, os que vieram, e os que foram trazidos, cada um com suas culturas, costumes e temperos: um eterno chacoalhar de água e óleo. País riquíssimo culturalmente, porém com traumas estruturais severos. Genocídios de populações indígenas, periféricas e quilombolas, escândalos políticos, desmatamentos em áreas de reservas, políticas públicas decididas por interesses do agronegócio e outras situações escancaram as veias abertas e os *déficits* estruturais brasileiros.

Os diferentes Brasis entram em conflito, políticas eugenistas impõem convenções culturais que fazem sentido para alguns, mas agridem a existência de muitos outros. “Somos e não somos, sendo a ambiguidade mais produtiva”. No trecho do livro “Brasil: Uma Biografia”¹, as escritoras propõem um olhar atento a fatores estruturais em análises históricas do país; diferentes narrativas

constroem a documentação, assim como uma casa é construída de tijolos e madeira, a história nacional é construída de documentações que retratam um país avesso ao radicalismo, e, ao mesmo tempo, palco de revoltas e rebeliões memoráveis, sendo essa ambiguidade mais produtiva para compreender o cenário do que qualquer documentação imagética. Ao mesmo tempo que há documentações clássicas que representam pessoas indígenas e africanas como selvagens, como visto na obra de Sérgio Buarque de Holanda, em “Raízes do Brasil”², há textos que apresentam a grandiosidade desses povos, como no texto “O Colono Negro como Fator da Civilização Brasileira”³, onde Manuel Querino defende a ideia de que “o Brasil colonial só tinha grandeza nos africanos que importou”. As ambiguidades não são poucas e entram em conflito. O Brasil que elegeu como presidente Luís Inácio em 2002 não é o mesmo que elegeu Jair Bolsonaro em 2018, da mesma forma que o país que legitimou o assassinato de Angêla Diniz, em 1979, como legítima defesa da honra, não era o mesmo que condenou a 15 anos de prisão seu assassino⁴, em 1981, assim como o país que, em 1971, parou para assistir a gira de EXU de seu Sete da Lira⁵ em programas da TV da Rede Globo e TV Tupi, alavancando suas audiências no mesmo domingo de agosto⁶, não é o mesmo país que em 2023 teve 1.478 denúncias de intelecância religiosa no disque direitos humanos, apresentando um aumento de 80% em relação a 2022, segundo dados do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania⁷. O território brasileiro vive em um pulsar entre ideologias que são, parcialmente, fruto da sua história colonial, e construções sociais vindas da globalização e do imperialismo, e, parcialmente, originalidades e teorias decoloniais rebuscadas, vindas de diversos pensadores nacionais como Nego Bispo⁸ e Paulo Freire⁹. A colonização e o imperialismo exercem uma hegemonia cultural que impacta muitas vezes a capacidade de imaginação de países do sul global sobre si mesmos - num processo de colonização, a métrica de sucesso é quando o colonizado passa a sonhar o sonho do colonizador. Visando uma emancipação contracolonial (Bispo, 2023), urge sonhar os próprios sonhos, e imaginar os próprios futuros. A formação do Brasil, por si só, é extremamente diversa; colonizadores europeus, pessoas escravizadas, e povos nativos foram ajuntados sobre esse solo anteriormente chamado de Pindorama, para formarem o que hoje chamamos de Brasil. Temos um cenário agravado por anos de desenvolvimento de um país traumatizado, que gerou incontáveis conflitos armados, genocídio de populações negras, indígenas e LGBTQIAPN+, e massacre de populações pobres por desnutrição e depressão, enquanto em pequenas partes do país reina a paz e a estabilidade. Uma discussão recorrente na *internet* versa sobre o Brasil, com s, e o Brazil, com Z, mostrando as diferenças estruturais entre a zona sul do Rio de Janeiro, e a zona Norte e Oeste da cidade, porém a discussão também se expande para questões estruturais, tais como a má distribuição de renda entre o Nordeste e Sudeste, demarcação de terras indígenas, e outros atravessamentos, levantando a questão: seria possível um país em que esses problemas se encaminhassem para algum tipo de resolução? Quais seriam os rostos das estátuas desse país? Seria possível imaginar estátuas de Tibira¹⁰ ou de Lacreia¹¹, pessoas trans que foram símbolos de luta neste país? Como seriam nossos museus? Será que o Instituto dos Pretos Novos teria a estrutura e grandiosidade do Museu do Amanhã, por exemplo?

A partir da consideração desse cenário, busca-se, ao longo deste artigo, observar quais metodologias de design de futuros podem ser úteis para a composição imaginativa de um país

menos conflituoso, onde se abrace a diversidade e todos tenham chances de viver com dignidade e respeito.

2.2 A Importância do Estudo de Futuros

Levando em conta esse cenário no ano de 2024, faz-se, aqui, um exercício de pensar sobre como, a partir dos principais debates contemporâneos, tais como pandemias, desastres ambientais e o futuro, seria possível repensar e redesenhar outros Brasis futuros, assumindo o desafio dessas ambiguidades conflituosas, no lugar de uma narrativa eugenista fruto de uma perspectiva colonizatória? A construção de futuros vem principalmente de uma perspectiva consciente e objetiva; uma construção coletiva que se constroi no momento presente, e é, também, um trabalho de compreender o futuro como ancestral (Krenak, 2022¹²), a partir de uma percepção não linear do tempo, que compreende suas micro relações de codependência dentro desse ciclo¹³.

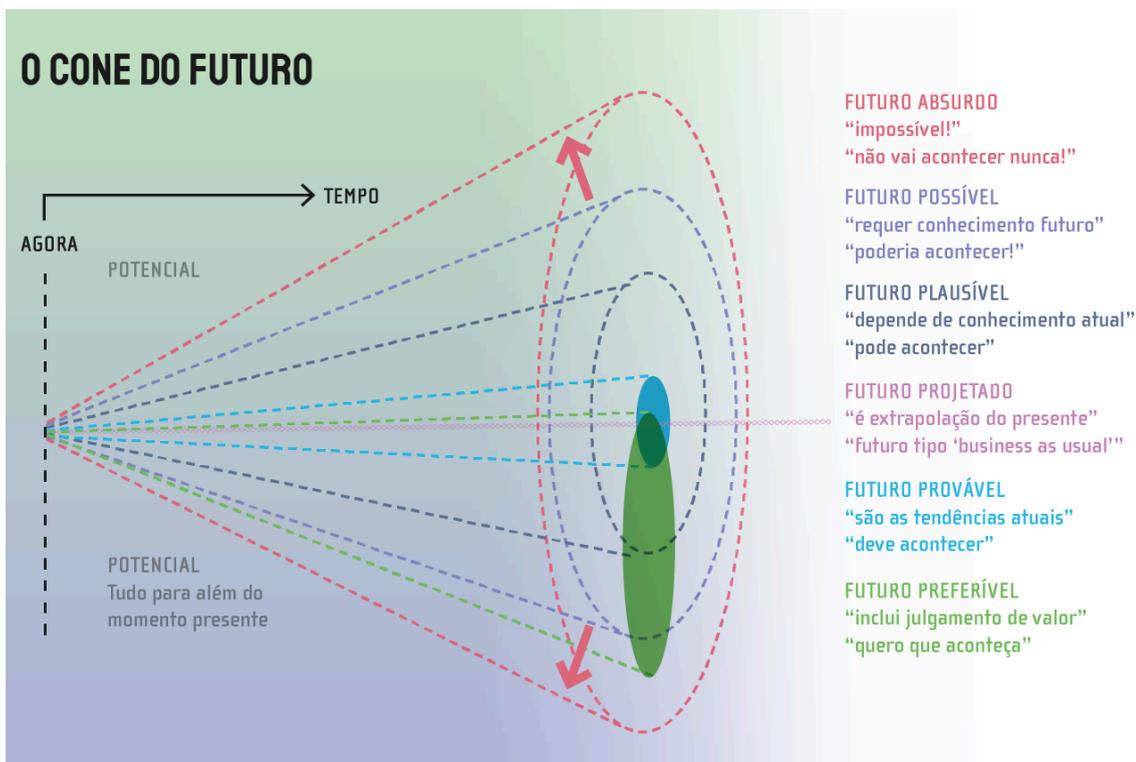
Em um momento pós-pandêmico e pré-apocalíptico, urge cultivarmos habilidades outras para buscar adiar, ao máximo possível, o fim do mundo¹⁴. Para isso, ferramentas do design de futuros, tais como a futurologia ou letramento em futuros, podem ser mobilizadas na imaginação de novos Brasis. O brasileiro e ecólogo Fábio Scarano, ganhador do prêmio Jabuti em 2014, com o livro “Mata Atlântica, uma história do futuro”, e orientador da primeira Cátedra, no Brasil, destinada a estudar futuros - é também um defensor da alfabetização em futuros como a aptidão essencial para todos no século XXI.

Estudos de futuros se baseiam em diferentes metodologias, porém amplamente, todas elas têm o mesmo cerne - estudar nossos medos, desejos e intenções, e pensar cenários e soluções a serem criadas e debatidas. Especificamente, o design de futuros - ferramenta mobilizada no meio empresarial, político e cultural - é uma abordagem projetual que se vale de metodologias para compreender e desenvolver mecanismos de antecipação, especulando sobre possíveis cenários a serem evitados ou almejados.

A alfabetização em futuros, metodologia apresentada pela UNESCO (*Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura*), ajuda as pessoas a entenderem por que e como usamos o futuro para nos preparar, planejar e interagir com a complexidade e a novidade de nossas sociedades. Por meio de atividades práticas, onde comunidades e indivíduos podem aprender sobre as origens do que imaginam e podem se capacitar a diversificar suas ações, explorando mais tópicos diferentes, incluindo tecnologia, juventude, gênero, mudança climática e criação de valor, possibilitando encaminhamentos inovadores e soluções sustentáveis, buscando oferecer às pessoas os três principais objetivos da alfabetização em futuros: mobilizar o futuro para repensar o presente, fomentando futuros diversos, e mostrar a cada indivíduo sua agência e empoderamento acerca de cada escolha e decisão¹⁵.

Outra abordagem para o pensamento de futuro é o design de futuros, que conversa muito com a alfabetização em futuros apresentada pela UNESCO. Porém, se comporta como uma ferramenta projetual. Design, que essencialmente se refere à prática de projetar, seja mobiliário, peças gráficas, exposições ou serviços, também pode ser ferramenta de projetar futuros, utilizando metodologias como o *Design Thinking* - abordagem centrada nos seres humanos para a resolução de problemas complexos, utilizando métodos criativos e colaborativos de ideação, prototipagem e testes rápidos de soluções, enfatizando a empatia com os usuários, e buscando entender profundamente suas necessidades e experiências para gerar inovação - para esse fim.

Segundo Paulo Emediato, *managing partner* na *Designthinkers Group Brasil*, apresenta o *design thinking* como estudos de tendências oferecem insights exploratórios, que não devem ser considerados verdades absolutas; o design thinking (DT) é fundamental para criar futuros possíveis, distante da superficialidade e imediatismo da prática convencional, centrando-se genuinamente na empatia humana, cocriando escolhas diversificadas a partir de tendências, promovendo orientação pelo cliente ao invés de acionistas, incentivando colaboração para superar silos organizacionais e estimulando experimentação contínua para preparar-se melhor para um futuro imprevisível ¹⁶.



fonte: <https://www.revistahsm.com.br/post/o-estudo-dos-futuros-em-uma-visao-360-graus>.

A imagem acima, apresentada em um texto de Martha Gabriel, para o site *HSM Management* ¹⁶. Apresenta o "cone de futuros plausíveis" (*cone of plausibility*) desenvolvido por Charles Taylor em 1988 é um conceito utilizado no estudo de cenários e planejamento estratégico. Ele representa visualmente a ideia de que o futuro é incerto e que existem múltiplos caminhos possíveis que

podem se desdobrar a partir das decisões e eventos presentes, o presente, nesta situação considerado como um só, cria um prisma de diferentes futuros; um “absurdo”, e outros como possível, plausível, projetado, provável, e por último preferível.

A ideia defendida aqui é que, a partir de uma compreensão de impacto e agência, podemos mobilizar o design de futuros para atuação política e cultural no cenário brasileiro. Mas como? Até então, processos coloniais e imperialistas levaram o desenvolvimento global a partir da ideia de apenas um futuro: o ideal para eles. Hoje, com a horizontalização da capacidade discursiva e projetual, dada a partir da facilitação parcial ao uso de *internet* e acesso a diferentes tecnologias, como podemos pensar a ideia de construir futuros coerentes a partir de uma perspectiva benéfica para o sul-global, e principalmente, pensando na grande diversidade de necessidades que temos no cenário brasileiro?

2.3 Outras Ferramentas de Estudo de Futuros

Buscando expandir mais ainda a ideia de pensar outros futuros para o Brasil, a partir de um projeto de design de futuros, analisamos, também, outras abordagens, como as mobilizadas nas 2 obras abaixo, onde a fabulação especulativa e as ficções se tornam ferramentas para pensar futuros.

Pensar-com imagens: subversões e fabulações em torno da bandeira nacional brasileira -
Dissertação de mestrado de Ísis Daou, orientação de Zoy Anastassakis, no PPDESDI-UERJ.

A pesquisa de Daou se constitui a partir de um estudo de versões modificadas da bandeira nacional brasileira, produzidas entre 2013 e 2023, reunidas por meio de ações de coleta, resultando num conjunto de 338 imagens, de autorias e fontes variadas. Ao longo da dissertação, somos apresentados a diferentes relações e construção de bandeiras do país; como veículo de denúncia e repúdio; veículo de defesa e afirmação; a bandeira em proposição a outros futuros e comunidades, usando a bandeira brasileira para mobilizar outros sentidos possíveis em torno de noções de pertencimento e coletividade. O projeto examina, também, a noção de fabulações especulativas (Haraway, 2023¹⁹), que pode ser entendida da seguinte forma: gerar contrapontos aos projetos de mundo que não desejamos, que consideramos infrutíferos e opressores, e colocar em diálogo as ideias e relações correntes, já existentes, *mas menos visíveis por meio desses experimentos, podem surgir novas capacidades de reinvenção e intervenção sobre o que se vive.*

Ao apresentar a bandeira em proposição a outros futuros e comunidades, apresenta-se fabulações especulativas situadas em um Brasil futuro, onde concebem histórias sobre um período em que mudanças radicais seriam empreendidas a nível político, social e econômico, de modo a viabilizar a manutenção de vida nesse território, a partir de uma narrativa em três atos: Lutar (políticas de enfrentamento), Coexistir (políticas de diferença) e Refundar (políticas de refundação).

Em resumo, o trabalho de Daou defende como experimentos especulativos ampliam a capacidade de imaginação projetiva, dando palco a cenários contra-hegemônicos que apresentam imagens de dissenso e histórias menos percebidas, propondo também um design ativismo: ação direta e conscientização objetiva, imaginação política e conscientização subjetiva, compreendendo o valor no estudo de imagens, que têm o potencial de impactar imaginário social, produzindo efeitos na subjetividade individual e coletiva.

Sai-fai: Ficção Científica à Brasileira

O projeto Sai-Fai: Ficção Científica à Brasileira, iniciado pelo Museu do Amanhã em 2021, começou com uma oficina online de escrita ficcional que reuniu participantes de várias regiões do Brasil. Dessa oficina surgiu um livro digital contendo uma coletânea de contos, ilustrados por artistas convidados, e posteriormente transformou-se em uma exposição no Museu, em 2023.

A obra Sai-Fai reconhece o papel das distopias enquanto incentiva a imaginação de novos horizontes para criar um futuro melhor, especialmente em um contexto brasileiro onde a diversidade é essencial. Os escritores selecionados representam uma ampla variedade territorial, étnica, de gênero, orientação sexual e anti-capacitista. A publicação convida à reflexão sobre o conceito de ficção científica brasileira, levando em consideração, claro, clássicos como Isaac Asimov e Philip K. Dick, mas também buscando originalidade para criar uma produção auto-referente e decolonial. Explora-se a história da ficção científica no Brasil e no mundo, discutindo como as matrizes africanas e indígenas influenciam novos subgêneros como o Afrofuturismo, Ancestrorfuturismo e Futurismo indígena. Os contos do Sai-Fai abordam temas variados, desde portais intergaláticos em cidades do interior do Brasil até uma Belém cyberpunk com influência nipo-brasileira, passando por viagens ao longo de um rio carregado de memórias ancestrais na Baía de Santo Antônio e narrativas extra planetárias em cenários distantes de Marte e Júpiter. Essa obra marca um momento significativo na história do gênero no país, refletindo os sonhos, desejos e medos de pessoas de diversas origens ao redor do mundo.

1. Encerramento

3.1 Considerações finais

Concluindo este estudo profundo sobre a complexidade e os desafios do Brasil contemporâneo, entende-se que projetar futuros é uma tarefa multifacetada e urgente. Ao explorar as metodologias de design de futuros, encontra-se ferramentas

e meios de imaginar e construir um país mais justo, inclusivo e sustentável, o qual depende também da nossa habilidade de dialogar com as diversas vozes e realidades que compõem nossa nação. Desde as comunidades periféricas até as lideranças quilombolas e indígenas, cada grupo possui visões únicas do futuro que desejam construir.

Através do Design Thinking, da ficção especulativa e outras ferramentas criativas, podemos não apenas antecipar desafios e oportunidades, mas também cocriar soluções que respeitem a diversidade cultural e ambiental do Brasil. Este processo não se limita a pensar em um futuro ideal, mas sim em explorar uma miríade de possibilidades que nos permitam aprender com o passado, transformar o presente e moldar um amanhã onde todos tenham voz e voz, repensando logísticas de poder eugenistas a partir de uma abordagem contracolonial, onde aqueles que foram coadjuvantes possam vir a ser protagonistas do seu próprio futuro.

3.2 Referências

1. **SCHWARCZ, Lilia Moritz;** STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil: Uma Biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. ISBN 978-85-3592-566-1.
2. **QUERINO, Manuel.** *O Colono Negro como Fator da Civilização Brasileira*. Salvador, 1918, páginas 143-152.
3. Holanda, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. ISBN 85-7164-448-9.
4. **[Doca Street]**. Wikipédia, s.d. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Doca_Street. Acesso em: 15 jul. 2024.
5. **[Seu Sete da Lira]**. Wikipédia, s.d. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Seu_Sete_da_Lira. Acesso em: 15 jul. 2024.
6. **PAI PAULO DE OXALÁ.** A história de Mãe Cacilda, a força do seu Sete, rei da lira. Extra Globo, 2021. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/religiao-e-fe/pai-paulo-de-oxala/a-historia-de-mae-cacilda-a-forca-do-seu-sete-rei-da-lira-24701713.html>. Acesso em: 15 jul. 2024.

7. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. No Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, MDH reforça canal de denúncias e compromisso com promoção da liberdade religiosa. Disponível em:
<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2024/janeiro/no-dia-nacional-de-combate-a-intolerancia-religiosa-mdhc-reforca-canal-de-denuncias-e-compromisso-com-promocao-da-liberdade-religiosa>. Acesso em: 15 jul. 2024.
8. **[Antônio Bispo dos Santos]**. Wikipédia, s.d. Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%B4nio_Bispo_dos_Santos. Acesso em: 15 jul. 2024.
9. **[Paulo Freire]**. Wikipédia, s.d. Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo_Freire. Acesso em: 15 jul. 2024.
10. **[Tibira do Maranhão]**. Wikipédia, s.d. Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Tibira_do_Maranh%C3%A3o. Acesso em: 15 jul. 2024.
11. **[MC Serginho & Lacraia]**. Wikipédia, s.d. Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/MC_Serginho_%26_Lacraia. Acesso em: 15 jul. 2024.
12. **KRENAK, Ailton**. Futuro Ancestral. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
13. **BISPO, Nego**. Colonização, Quilombos: modos e significações. Brasília: 2015.
14. **KRENAK, Ailton**. Ideias para Adiar o Fim do Mundo. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
15. **UNESCO**. Futures Literacy. Disponível em: <https://www.unesco.org/en/futures-literacy>. Acesso em: 15 jul. 2024.
16. **O estudo dos futuros em uma visão 360 graus**. Disponível em:
<https://www.revistahsm.com.br/post/o-estudo-dos-futuros-em-uma-visao-360-graus>. Acesso em: 15 jul. 2024.

17. SANTOS, Antônio Bispo dos. **O Quilombismo: Os Contextos e a Luta dos Povos Tradicionais.** 2017.

18. SANTOS, Antônio Bispo dos. **Território Quilombola: Resistência e Identidade.** 2015.
- 19.
20. HARAWAY, Donna J. **Ficar com o problema: fazer mundos de uma terra danificada.** Tradução de Fernanda Siqueira e Tatiana S. Lima. São Paulo: Editora Ubu, 2019.